

# IMPARCIAL

ORCAM POPULAR HEBDOMADARIO

REDACTORES—JOSE CASTELLO BRANCO E OCTACILIO COSTA—

STA CATHARINA—

LAGES, 17 DE JANEIRO DE 1903

—BRAZIL

Num. 83

AL

MUNICIPAL

nos a me...  
ao actual...  
pelo Sr...  
assumir as...  
nistracção, no...  
mez. As medi...  
por S.S. alvit...  
evidencia que...  
tengões que o...  
cetar a admini...  
terra são as de...  
sensata distrib...  
ros publicos. B...  
ser outros os a...  
dos por S.S. da...  
do imposto de...  
tada pelo Con...  
no ultimo ann...  
sim é que fora...  
sanccionados n...  
ordinaria do C...  
pal varios pro...  
alcance, e ref...  
leis em varie...

pitulada na maioria dos casos, como febre typhosa. E' incontestavel que essa acertada medida veio sanar uma grande falta, offerecendo aos doentes pobres, sem recursos, os meios de que necessitam, para a extincção de seus males physicos. Quanto a restricção dos vencimentos do funcionalismo, julgamos ser o recurso de que se podia lançar mão como uma medida de segurança, attendendo ao equilibrio orcamen-tario, que deve sempre existir.

O terceiro e quarto projectos apresentados e sancionados pelo Sr. Superintendente trata de subvenção dos poderes publicos aos dous importantes estabelecimentos de instrucção aqui existentes. O primeiro delles concede ao collegio S. Rosa, dirigido pelas irmãs da Divina Providencia, uma pensão annual de 600\$000, com o fim de serem admittidos no referido collegio, cinco meninas que serão, por uma commissão composta do presidente do Conselho, Superintendente e delegado escolar, escolhidas dentre as nimamente pobres.

O quarto projecto trata da divida contrahida com os poderes publicos, pelo Collegio S. José.

Ficará o respectivo collegio isempta da divida, que monta em oito contos, sob condicção de ministrar, caso esse estabelecimento consiga, como pretende, do Governo da União o privilegio da equiparação ao Gymnasio Nacional, a instrucção necessaria para prestarem o exame de madureza, exigido para a matricula nos cursos academicos, a quatro meninos pobres apresentados pelo governo do Municipio.

Os outros projectos apresentados e sancionados referem-se a construcção de cacimbas, reparos de estradas etc.

Como vimos no que acima ficou exposto, o Sr. Superintendente inicia um governo promettedor e consoante a expectativa popular. O departamento administrativo relativo a Instrucção, merece de S.S. especial cuidado, pois as medidas decretadas já nos patenteiam, de antemão, a certeza de que o ensino ministrado aos miétraos pobres, vai ser de subida utilidade.

No rapido esboço que aqui

deixamos feito, collimamos o objectivo de salientar o valor e a importancia das medidas decretadas e em vigor.

Seguindo a trajetória tracada por seu illustre predecessor, desejamos que S. S. ao deixar o governo municipal, sahã coberto dos applausos e gratidão popular, como foi o Sr. Superintendente do quadriennio transacto.

K. K.

## O VINHO

—«:»—

Quando se banha o meu craneo  
Dos philtros do vinho amado,  
O meu espirito se eleva,  
E eu me sinto illuminado;  
Nesta caverna ou cortiço,  
Onde as ideias, sem viço,  
Definham na escuridão,  
Penetra a luz da sciencia,  
Que realça a intelligencia  
E desperta a inspiração.

Assim, no bello transporte,  
Eu contemplo a immensidade,  
Solto o verbo a Natureza,  
Poetiso a Divindade;  
Meu pensamento aquecido,  
Pelo espaço indefinido,  
Divaga, toca no céu,  
A minha mente se ateia,  
E dentro desta colmeia  
Das trevas se rasga o véo.

Oh! vinho —tonico nobre!  
Banha meu peito sedento,  
Meu elixir portentoso,  
Aquece meu pensamento!  
—Tu és o gaz das ideias,  
O pavio das epopeias,  
A orvalhada do prazer;  
Tu embalsamas as dores,  
Tu phantasias amôres,  
Por isto te vou beber.

JOQUINHA SARMENTO.

LAGES.

## O MEU CHALET

—«:»—

Habito provisoriamente um chalet, pequeno sim, mas poético, romântico, seductor.

Não apresenta essa famosa architectura suissa, esse interessante aspecto dos edificios helveticos, mas diviso nelle uma digna imitação, um fac-simile dessas moradas caprichosas, pelo que o incluí no rol dos chalets Americanos.

Fica perto da casa real, e faz-me lembrar um dos satélites de Jupiter, contemplado pela luneta telescópica.

regressando de alguma excursão longiqua, elle se mostra á consideravel distancia, diminuto, é verdade, mas reverberante, com seu telhado de amarello fulvo, batido em cheio pela luz solar, que parece beijal-o com ardoroso affecto.

Para mim é elle um ninho felicitoso, um abrigo faustoso.

Erguido num descampado e inclinado para o levante — apenas desponta a aurora, o meu casebre resplandesce soberbamente, mergulhado nessa onda magnetica do Sol.

O mimoso quadrilatero encerra uma saleta e uma camera, divididas em áreas iguaes.

A' frente-a porta da entrada; ao fundo-a portinhola que communica-se com a cozinha, havendo uma abertura natural e directa facilitando o transito entre o quarto e a pequena sala.

Na parte posterior do edificiozinho, a um afastamento de dois metros, se eleva a tosca cozinha, com paredes e cobertura de taboado, graciosa também, com sua portinhola regularmente encaixada.

O quarto é arejado por uma galante janellinha fronteira, com especial correção, girando sobre encaixe pintado e moldurado.

Eis ali a invejavel taba americana, ou o pittoresco chalet suisso, onde tranquilla e sufficientemente se accomoda uma trindade de pessoas ambulantes, hospedes dos ermos, hamilde lar do qual sou o cabeça, eden delicioso no qual supportamos a lucta da vida pela vida debaixo da mais harmonica resignação e contentamento, embalados pelo sonho das Esperanças e fortalecidos por esse mel hygienico da Fé em Christo.

Camões —o infortunado Camões— teve a sua gruta saudosa em Macão; Diogenes —o cynico philosopho— tomou por tecto uma pipa; entretanto que eu, —uma positiva nullidade— me entranho actualmente em um magico chalet que pisa o solo da «Cochilha Rica» sobre o vertice arrogante de duas taipas que se entrelaçam, erguendo a atrevida cumeira para os vastos horisontes!...

Chalet / Oh! meu, soberbo



Chale! que estas duas linhas sirvam de homenagem á grande saudade que de ti amanhã levarei, quando tiver de te deixar, como um beduíno que sou, testemunhando o prazer que ora sinto de abrigar-me sob tuas azas bemditas.

TOTA.

LAGES, JANEIRO, 1903.

### NAS ESQUINAS...

—Que tal os artigos de Curitybanos? Aquelles homens que assignam alli não são todos ein? Sabem rabiscar...

—Qual! aquillo é escripto por outro. Elles só assignam...

—Mas quem será então o autor daquelles *pampanos* misturados com Almeida?

—E' o Ruppinho, aquelle que, dizem, quando falla em publico —berra...

—Ah! é elle? como é brabinho! mette-se até a pretender sensurar o governo.... ha-de elle lucrar muito com isso...

—Luera... esses *ratinhos* ruins quasi sempre são tolerados pela inexperiencia....

—Então os signatarios não sabem o que assignaram....

—Sabem; tem o Dr. Ferro, que não de ferro....

—E' aquelle que julgou-se offendido com o artigo do Imparcial pedindo a sede dos estafeta para aqui? Que tal?

—Ah! aquella foi boa! Quer agora o homem pegar o peão na unha por uma cousa que nada tem com elle... é ser mesmo um tolão.

—O melhor é que, pelas instrucções do primeiro artigo, o estafeta não fallava durante a viagem; ao passo que na opinião delle, fallou; foi peor a emenda...

—Aquillo são cousas do Chico Lemos... elle é casmutra como o diabo....

—A questão daquella gente é contrariar o Imparcial...

—Mas é bobagem.

Nem que elles tivessem alli cincoenta bacillares....

—Ja vai você. Até logo.

—Até logo.

BISBILHOTEIRO.

FOLHINHA DE LAEMMERT—para 1903—em casa do Castro.

No artigo de fundo onde se lê: O terceiro e o quarto projectos apresentados e sancionados etc., leia-se —O terceiro e quarto projecto apresentado e sancionado etc.

### CURITYBANOS

A' 13 communicaram-se, por telephone, entre Lages e Curitybanos, os srs. Manoel Pamplona e Pacheco, encarregado da construcção da linha.

Ao sr. Pacheco enviamos nossas felicitações pela capacidade que acaba de revelar, construindo essa linha que, se não fora uma energia como a sua, voavam-se os 30 contos da verba e a linha ficaria em projecto.

—A estação será installada naquella villa por todo o mez de Fevereiro proximo. Pois o aparelho e telegraphista ainda não se acham alli.

Contractou casamento, com a senhorita Josephina Godinho Moreira, o sr. João Baptista Primo.

### A QUEM COMPETIR

Consta-nos que anda campeando no districto de Campo Bello o individuo José Carlos Utech, autor do defloramento da menor Maria Camilia da Annunciação, individuo esse que acha-se pronunciado por aquelle crime.

Como organ dos interesses do povo, e, portanto, da sociedade, reclamamos contra esse facto, pedindo ás autoridades daquelle districto providencias em ordem a ser capturado o referido José Carlos e entregue á autoridade competente nesta cidade, áfim de ser submettido á julgamento na proxima sessão do Jury.

Vindo de Ponta Grossa, Paraná, onde reside, acha-se nesta cidade o sr. João Pedro Ribas, que trouxe, para negocios, uma tourada de diversas raças.

—Esteve nesta cidade, ha dias, o sr. coronel Bento Cavalleiro do Amaral, fazendeiro em S. Joaquim, e chefe federalista daquelle municipio.

—Para o Rio Grande do Sul, seguiram os srs. Pedro Verner e Antonio Saturnino Guttier.

—De São Paulo, onde reside, acha-se nesta cidade, á passeio, o sr. Antonio Pereira Gomes.

### NOTA FALSA

No dia 13, quando o sr. agente do correio, na presença dos srs. Fernando Athayde e João José Godinho, entregava, na agencia, uma carta registrada, sem declaração de valor, ao sr. Victor Damasco, este a abriu, alli mesmo, vendo-se que na carta continha uma nota de 50\$000, n. 23418, falsa, da 7.ª estampa, serie 16 A.

O sr. agente apprehendeu a nota, deixando de impor a multa respectiva por ser falsa.

A nota foi devolvida da capital pelo sr. Miguel Silva.

O facto foi communicado ao sr. commissario de policia, que providenciou, e ao sr. administrador dos correios.

No cartorio do escrivão de Paz do districto desta cidade, durante o anno de 1902, foram registrados:

Nascimentos	182
Casamentos	39
Obitos	92

### CASO CURIOSO

O COMBATENTE, de Santa Maria, publica a seguinte curiosa noticia:

«Alexandre Luiz de Quadros, cidadão honesto, morigerado e trabalhador, chefe de numerosa familia, com 54 annos de idade, residente em S. Miguel, 4.º districto, achava-se adoentado em fins do mez de Outubro, porém não de cama.

Seu irmão, Claudino de Quadros, com 64 annos de idade, residente na costa do rio da Varzea, municipio da Palmeira, a 10 leguas mais ou menos de distancia de S. Miguel, foi visitar a seu irmão, e como este se achasse melhor travaram animada conversação, propondo Alexandre a Claudino acompanhá-lo na morte, porquanto já estavam velhos e alquebrados e precisavam desocupar o mundo, o que Claudino alegremente aceitou.

Pois bem; no dia 1.º de Dezembro falleceu Alexandre em sua casa, após rapida molestia, isto ás 7 horas da manhã, morrendo Claudino tambem repentinamente, ás mesmas horas, em sua casa, numa lavourea, onde se achava lavrando.

Acontecendo que seguiram os dois enterros, um do norte outro do sul, no dia 2, para o cemiterio do Pinheiro Marcado, sem saberem as pessoas que acompanharam os enterros, do fallecimento um do outro.

Ao chegarem porém ás proximidades do cemiterio avistaram-se mutuamente e as pessoas dos dois acompanhamentos resolveram então fazer entrar ao mesmo tempo o corpo dos dois irmãos no cemiterio e enterrá-los na mesma sepultura, o que realizaram.

Tai irmão do ent do por

### MILAGRO

Salvo

O jorn leii» pub seguinte r encontrana tuguez:

«Era alta das mais a Rocosas man por um com ros: vigilante o machinista lhavam a es onde avançav

De subito, um grito.

—Olha, ali, alguma coisa, machinista.

Este, olha respondeu:

—E' verdade, ra dizer isto?

Diante delles escuridão da no pida apenas pelo projectada pelo china, apparece gigantesca, qu braços enorme signaes de alame

Loucos de ten

rar o comboio, conductor as caus paragem não inda nerario, e o cadu or, em primeiro lugar, es passageiros, depois, vira o que elles tinham visto ant, aquelle aterrorador phantasia que, destacando a sua grad, «silhouette» sobre a montanha, continuav gestes de espant

Os viajantes os em pregados do comboio perocera n a via e chegaram atéem precipicio sobre o qual exlta na ponte por onde hnta de passar o comboio e que tinha cabido. Se o comboio vasse continu-s alguns minutos, iria precipitar-se no abysmo.

E quando tols pr ocuavam a causa da magro a intervenção, acabam p r desco-brir nos vidros do pharol da machina, uma borleta abra-sombra ia a mon-tanha, semelhava uns braços gigantescoabe os e fazen-do signaes d'ala e....»

ede-nos,

gilio José dinho, de or m um col-legio partici que avisemos aos interes que a sua aula recommen a luncionar no dia 26 do

ersa que foi s pess

### INTERVIEW

a borla

ese L. So-timanite a uja traccão m jorn nor

e pelo

monta

a todo o

le passage

seu posto

foguista o

senda por

omboio.

Quista soltou

baixo. Ha

se elle ao

fixamente,

que quere-

no meio da

interrompida apenas pelo

oco de luz

carol da ma-

uma sombra

com os seus

parecia fazer

fizeram na

quella

o itinerario, e o cadu or, em

passagei-

ros, depois, vira o que elles

tinham visto ant, aquelle a-

terrorador phantasia que, des-

tacando a sua grad, «silho-

uette» sobre a montanha, continuav

gestes de espant

pregados

n a via

recipicio

na ponte

passar o

cabido.

continua-

s alguns

lar-se no

ocuravam

a inter-

desco-

pharol da

leta abra-

sombra

ia a mon-

uns bra-

os e fazen-

e....»



## SAS E LOISAS

um aras de typo semvergo-qual cão pestifero com a a entre as pernas, aqui acho com um todo de va- to, soltando nos aras um bio desenchabido como si um despreoccupado de es- lo.

nesse vae-vem que a épo- me offerece, tenho por tector o luar que me é da- da Natureza, animando- a pular pelas ruas, á noi- sem o meu inseparavel me- mas com os olhos sempre um phantasma que parece er pegar-me pela culatra.

Mas eu com um —oh! fer- m! — meio rapido, verifico que tudo é illusão, illusão só.

Mas... não fallemos em cães e pestes, phrases bestificadas e macarrônica que só a soberbia de um bacharel agermanicado pôde fazer-o sob assignaturas de outrem, e passemos para as cousa da terra, que mais nos vem ao caso.

E com isso tudo, além de tu- do, me ia passando pela me- moria o que na minha cadere- neta da reportagem não tinha tomado nota, sahindo, quasi, por desapercebido o jardim do tanque.

Ora o jardim... eu logo vi... quando metteram o seu Joca na commissão e que elle, com a sua tosseinha chronica, con- sentiu o jardim na estrada de seu gado, sem ao menos soltar uns dous caixos de bananas, eu disse cá com os meus bo- tões:—já n'lo vier o verão... adeus jardim e até por cá her- va-matte. — Pensado e não dito, e feito... O jardim, opa- lado e o terreno em preparo para o jardim, está hoje ser- vindo de pasto ao gado da vi- sinhança e para a cabrita do Lourencinho....

Mas deixemos de jardim por segurança, porque eu não sei como estará hoje o meu a- migo Joca, si disposto á musi- ca ou si disposto a petelecar a gente que o contraria... olha lá em que me ia eu mettendo...

—Não nos envolvemos em cousas publicas e nem passe- mos á cousas particulares, e fallemos dos pobres animaes que por descuido dos desce- dentes nasceram cães; e agora, que o fiscal publicou editaes a- visando que lá dar bola a el- les, a fisteza avassala o cora- ção dos pobres bichos, que, a continuarem em suas habitu- adas aquações, comem bola... comem tudo... zas... e depois nem que ladre...nem que berre

E não obstante o chrismo por nome Zé-cavalleo que um bispo ruano de Curitybanos, num papel cheio de assassina- tos orthographicos, me agra- ciou, subscrevo-me sempre

Zé-Viola.

## CURITYBANOS DE

Retribuindo.

Tendo por habito não atacar a quem quer que seja e re- sistir quando atacado, venho rebater os golpes vibrados ao partido que humildemente re- presento nesta comarca, em um artigo publicado a 7 do andante no «Cruzeiro do Sul» que se publica em Lages e as- signado pelos cidadãos alferes Henrique Paes de Almeida Fi- lho, Macario de Mello Andra- de e major João Severo de O- liveira.

Não venho directamente responder aos signatarios do al- ludido artigo pela convicção plena do modo porque o assi- gnaram.

Um dos signatarios do men- cionado artigo é genro do meu presado amigo e compadre Jo- sé Francisco de Carvalho, cuja respeitabilidade é acatada por todos os homens honestos quer deste municipio quer fora del- le e, portanto, não acredito que conscienciosamente s. s. viesse atacar tambem o seu venerando sogro com quem mantem a maior cordialidade e sabe perfeitamente que é so- lidario commigo na direcção do partido desastroso.

Venho, sim, especialmente, ao illustre Bacharel Henrique Rupp Junior, actual promotor publico desta comarca, não só como autor moral do referido artigo como pelas noticias po- liticas que desta comarca tran- smitte ao «Cruzeiro do Sul».

S. s. começou dizendo no artigo assignado pelos tres ci- dadãos a que me referi que, o espirito popular de Curityba- nos amante da paz e da con- cordia, tem sido bastante agi- tado nestes ultimos tempos por questões politicas, cujo e- pilogo prolongado terá lugar a 1.º de Janeiro.

É exato sr. promotor—éssas questões politicas teem, na verdade, se agitado, mas é evidentemente conhecido que essa agitação de ha muito se alimenta por quem procura ti- rar d'ella futuras convenien- cias.

Para S. S. ser oportunamente nomeado Juiz de Direito d'esta comarca, como lhe está promettido, não precisava dar ao meu partido o nome de de- sastroso e como tal capaz de trazer a ruína do municipio.

S. S. foi aqui recebido e tra- tado pelo meu partido com to- da a consideração e tenho cer- teza que não encontrou provas desastrosas que o autorisasse a dar-lhe esse nome ingrato.

Se o partido não é dirigido com o criterio devido, S.S. sa- be muito bem que é por não ter tido a felicidade de tel-o a sua frente para assim evitar desastres e minas para o mu- nicipio.

nicipio.

Sentimos não ter a ventura de ter na direcção do nosso partido homens illustrados e do elevado talento de S.S.

Somos todos obscuros—mas posso garantir ao illustrado e joven Bacharel que o meu partido ainda não deu exem- plo desastrozo.

Elle não recebeu com o mai- or desprezo a linha telegraphi- d'esta comarca. Humilde, po- bre mas sempre com o coração palpitante por tudo quanto progride a sua terra.

S.S. disse no artigo assigna- do pelos seus tres amigos que, a victoria do partido do Snr. Coronel Almeida era certa por- que á eleição de 7 de Novembro o eleitorado compareceu franco e espontaneo para eleger os homens dignos de assumir as rédeas do governo do munic- pio. E de crer isso mesmo, porque até na noite de 6 para 7 de Dezembro os seus amigos ainda corriam em cabala eleitoral indo alguns até 3 le- guas para esse fim e eu con- vieto como estava na fraguesa do meu partido nunca montei a cavallo para ir atras de um eleitor. Esse serviço foi feito por carta e pelos meus leaes ami- gos; S.S. sabe bem disso.

Vamos agora fallar na ver- dade das ultimas eleições. Na eleição de 3 de Agosto p. p., votaram na chapa official, na 2.ª secção do Guarda Mór, co- mo se vê da respectiva acta, 153 eleitores. Esse resultado foi assim descriminado pelos seus amigos: partido do Coronel Almeida levou ás urnas 148 votos e o outro partido autono- mista 5 votos.

Da-se alli a eleição munic- pal, e seu partido agora mais forte e só votam 66 eleitores ! Onde ficaram os 82 francos e espontaneos ? Na 4.ª secção, a- inda na eleição de 3 de Agosto houveram 67 votos federalistas em branco e 50 e poucos na chapa official, tendo eu alli só dois votos (assim diziam os seus amigos), como é que quan- do o seu partido alli devia ter cento e tantos votos agora na eleição municipal, só votam 19 eleitores ? Que é dos cento e poucos dos francos e espon- taneos ? Na 3.ª secção tambem votaram na eleição de 3 de A- gosto inclusive os que votaram em branco, vinte e poucos e- leitores e como agora na eleição municipal a chapa dos candi- datos seus amigos só obtiveram 5 votos ? Que é dos francos e espontaneos ?

S. s. deseja saber alguma coisa da eleição municipal de Canoinhas, vamos á ella. Em fins de Novembro seguiram pa- ra aquelle Districto o cidadão João Baptista dos Santos acom- panhado por André Lepper,

levando o primeiro cartas de empenho para que a votação dalli recabisse na chapa do partido do sr. coronel Almei- da, levando ainda o mesmo sr. Baptista a lista geral dos elei- tores do Districto e os titulos para os mesmos e tambem es- te recado: «vejam se inteiram cem votos para chapa ainda que sejam a bico de penna».

Emquanto isto se dava era esperado com entusiasmo por s.s. e por seus amigos e resul- tado de Canoinhas, (os cem pedidos).

Em todos os logares e em toda os rôdas só se fallava na eleição de Canoinhas, porem quando veio o resultado nega- tivo ao seu partido, tudo alli foi nullo—não foi lista e não foram titulos !

Para que estas coisas ?

Pois, s.s. não vê que um poder imparcial julgará as e- leições municipaes desta co- marca sem ir atras de que di- samos pelos jornaes e sim com o valor dos documentos apre- sentados ? Quanto a adminis- tração municipal d'esta comar- ca de 8 annos para cá, muito de proposito tenho me afasta- do de levar ao conhecimento do publico factos dignos de sensu- ra porque s.s. põe-se a ali- mentar polemicas que trará o- dios entre os partidos, quando tudo será resolvido pelo Con- gresso do Estado.

S. s. quer brilhar a sua pen- na, evite dar-lhe um brilho de discordia.

Reflectir melhor e com mais calma sobre coisas que nada a- diantam e que descomposturas não é de quem se presa e de quem teve educação; erre eu, mas não, um educado.

Curitybanos, 9 de Janeiro de 1903.

Francisco Ferreira de Albu- querque.

O sr. capitão Fernando A- thayde, na noite do dia 9, da- ta do anniversario de sua ex- ma. senhora, promoveu um li- geiro festival, em que compa- receu grande numero de ami- gos seus, primando a orches- tra chefiada pela Undina, a flauta do sr. Manoel Nicolly.

Fez annos hontem a exma. esposa do sr. major Luiz d'A- campora.

Guarda o leito o sr. tenente coronel Antonio Ribeiro dos Santos, a quem desejamos prompto restabelecimento.

Convalesce da enfermidade que lhe accommetteu por mu- tos dias, a exma. esposa do sr. Euclides Ramos da Silva.

Continua enfermo o sr. ma- jor Manoel Thomé Freire Bala- lha.



## DRAMA ESPANTOSO

Na tarde de 2 de Novembro ultimo um drama espantoso entristeceu a pequena communa de Proyes, situada a 12 kilometros de Creusot (França).

Ha muitos annos que os esposos Charles, residiam em Broyes, vivendo em boa harmonia: o marido era sejeiro.

Dessa união nasceu uma filha, Alice, que tinha actualmente 16 mezes de idade, que constituia a alegria da casa, adorada pelos pais, que pertencem a uma honesta familia.

Vai para tres annos que Mme Charles fôra atacada de neurasthenia aguda e, apesar dos bons cuidados que lhe eram prodigalisados, não cessava de ser assaltada de tenebrosas idéas, manifestando sempre o temor de perder a filha estremecida.

Na tarde de 2, pelas 6 horas, depois de preparado o jantar, a pobre mulher foi assaltada duma crise de neurasthenia, e, num accesso de loucura, collocou a pequenina no seu berço, dando-lhe com uma faca um golpe na garganta, cortando-lhe a carotico.

A morte foi instantanea.

Pouco tempo depois do crime, o marido veio á casa buscar a chave do sótão, e se entregou ás suas occupaões habituaes.

Enquanto estava no sob-solo, ouviu sua mulher embalar a filhinha e comprehendeu, sem de nada suspeitar, que ella a adormecia.

Dez minutos decorridos subiu á cozinha, acompanhado de um dos seus operarios, para jantar.

Entrando, disse á sua mulher:

—A nossa pequena Alice teve julzo, esta tarde: já dorme? Ah! a pequenina não deveria acordar mais.

Puzeram-se em seguida a mesa, mas um instante depois, Mme, voltou ao quarto e embalou de novo a pequena Alice.

Aproximou-se uma cadelra do berço e com a faca que servira para matar sua filha atravessou a garganta.

O marido ouvindo sua mulher respirar com estertor accorreu sobresaltado.

A infeliz perdia muito sangue: elle gritou por soccorro.

Os vizinhos acudiram tentando salvar a desgraçada. Todos os reforços foram inuteis; a infeliz expirava ás dez da noite.

Seu marido aproximou-se da filha, que julgava adormecida; levantou o lençol que a cobria.

Estava coberta de sangue e tinha um profundo ferimento

no pescoco.

Um grito angustioso vibrou no espaço.

Foi tudo o que o infeliz pôde fazer.

O nosso collega «Progresso» do Itajahy, suspendeu a sua publicação, allegando falta de recursos.

O sr. fiscal do municipio fixou edital prevenindo aos possuidores de cães, que paguem o respectivo imposto, sob pena de serem os seus cães mortos á bola.

## NOVO INVENTO

Um inventor americano fabricou um chapéu que cumprimenta automaticamente.

Este chapéu torna-se indispensavel aos personagens officiaes e aos elegantes que a cada passo encontram pessoas do seu conhecimento.

O chapéu de que se trata contém um pequeno engenho de relojoaria, com um pendulo, que se adopta á cabeça por meio de molas e a que se dá corda antes de o seu possuidor sair de casa.

Quando se quer cumprimentar alguém em vez de levar a mão á aba do chapéu, basta inclinar ligeiramente a cabeça para pôr em movimento um eixo vertical que faz levantar e baixar o chapéu rapidamente.

Os cyclistas, especialmente, apreciaram esta invenção que lhes permittirá cumprimentar sem largar o guidão, evitando assim um trambulhão sempre comico e por vezes perigoso.

## PUBLICAÇÕES A PEDIDOS

### COLLECTORIA DE LAGES

De ordem do sr. Collector das rendas estaduais de Lages, se faz publico para conhecimento dos interessados, a seguinte tabella:

#### —PATENTE DE BREVETAS—

1º semestre em Janeiro  
2º » » Julho.

#### —INDUSTRIA E PROVISSOES—

1º semestre em Fevereiro  
2º » » Agosto.

#### —CAPITAL—

1º semestre em Abril  
2º » » Outubro

#### —PREDIOS URBANOS—

1º semestre em Junho  
2º » » Dezembro

Collectoria de Lages, 7 de Janeiro de 1903.

O Escrivão—Manoel Nicolletti

## A ORCHESTRA BAPTISTA

Deparando no «Cruzeiro» ultimo com uma noticia infame, em que diz a minha orchestra ou musicos de minha banda, na noite de 6, tocando na rua passou pelo becco do convento das freiras e que um «dos do sequito» cravou a faca na vidraça e janella do convento, proferindo algumas phrases vingativas, venho declarar que nessa noite, não sahio orchestra nem musicos meus, porque naquella data, houve o ple-nic Pamplona, onde a orchestra trabalhava, deixando de tocar a noite devido a um desastre occorrido depois da festa, o que motivou a não realisação de um baile no club.

Após o ple-nic os instrumentos foram depositados em casa do sr. Belmiro Menezes, onde ficaram por muitos dias.

Alem de tudo, a minha orchestra é composta de chefes de familia aos quaes fallece a capacidade de commetterem o absurdo que o Cruzeiro lhes pretendem attribuir.

E' publico e notorio que a orchestra da noite referida foi a do *serro pellado*, em que fazia parte diversos musicos do collegio São José.

Dita aquelle jornal que referio-se ao meu nome só para esclarecer a noticia, mas eu direi que tal noticia não passou de um meio de chamar a attenção á mim e aos meus companheiros, procurando dizer que fomos nós os autores ou mandatarios de uma desfeita ás irmãs de Caridade, as quaes, se alguma vez tem sido envolvidas em *disque-disque*, os autores disso serão, com certeza, mais fratreseiros do que nós.

Desafio o autor, infame e covarde, de tal noticia, á provar que foi a minha orchestra, sob pena de ser o «Cruzeiro» apontado como calumniador, que procura manchar, por despeito, o nome de um grupo que não o acompanha em suas hypocrisias.

—Não é com essa.

Lages, 15 — 1º — 1903.

O regente da orchestra  
Lourenço D. Baptista Junior.

## PROTESTO

Os abaixo assignados, filhos de José Antonio da Silva e herdeiros de D. Anna Maria dos Santos, veem, protestar contra qualquer transação feita, por seu pai, de uma casa situada na rua de S. Cruz desta cidade, sem que o mesmo de inventario da casa, a que tem direito; fazendo valer seus direitos em tempo opportuno. Lages 10 de Janeiro de 1903.

Pelos herdeiros, Maria Antonia dos Santos e Eutimiano An-

tonio Maria, por não saberem escrever.

João Abino Pereira.

## Resposta necessaria

Quando qualquer individuo assaca, pelas columnas d'um jornal, sua bilis, contra uma pessoa particular, a desaffronta cabe unicamente a esta, se julgar-se offendida; sendo-o porem, contra uma collectividade como é, um protesto do sr. José Giorno no n. 79 d'Imparcial, a resposta torna-se obrigatoria, não para o municipio, que julga de visu os factos, e sim para os de fóra.

Desafio a gringos e Brasileiros que provem qualquer cousa que diz respeito ao cargo que occupo, si me cabe o final do protesto que diz —que nesta terra a Justiça é uma creatura completamente desconhecida; si o protestante tivesse convicção de assistir-lhe algum direito, teria procurado a justiça e a teria achado, mas convencido da sua culpabilidade, preferio ausentar-se mentindo pelo protesto.

O protestante no seu montão de mentiras, chamado protesto, fere os corações de uma familia distincta, invertendo a verdade dos factos ao seu bello prazer, cujo procedimento só pode ser taxado de infame, como era desde o dia em que soube illudir a boa fé do Snr. Coronel Henrique Rupp e familia.

Campos Novos, 3 de Janeiro de 1903.

Crescencio Rodrigues Chaves.  
Promotor Publico.

Com o decoro, que me merece a vida privada, venho em resposta a um protesto, publicado no numero 79 de Imparcial por meu marido, declarar, que o mesmo de principio ao fim não passa de um acervo de mentiras.

Procurei a casa de meus paes por me ser impossivel supportar por mais tempo o tracto de meu marido e por motivos que terei occasião de liquidar em julho. Basta.

Campos Novos, 8 — 1º — 1903.

Elsa Alexandrina Rupp